

Ponteiros de papel

Christina Ramalho

poemas

Ponteiros de papel

Christina Ramalho



Natal, LucGraf Virtual
2020

Título Original: Ponteiros de papel, de Christina Ramalho

© Copyright 2020 by Christina Ramalho

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra em seu todo ou em partes, por qualquer meio, sem o consentimento da Autora.

Revisão, diagramação e imagens: Christina Ramalho

Ficha catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ramalho, Christina

Ponteiros de papel [livro eletrônico] / Christina Ramalho. -- 1. ed. -- Natal, RN : L S Comércio e Serviços, 2020.

PDF

ISBN 978-65-88011-03-4

1. Poesia brasileira I. Título.

20-46553

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Índice

Em casa 1 – p. 8

Em casa 2 – p. 9

Em casa 3 – p. 10

Em casa 4 – p. 11

Em casa 5 – p. 12

Em casa 6 – p. 13

Em casa 7 – p. 14

Em casa 8 – p. 15

Em casa 9 – p. 17

Em casa 10 – p. 18

Em casa 11 – p. 19

Em casa 12 – p. 20

Em casa 13 – p. 21

Em casa 14 – p. 23

Em casa 15 – p. 24

Em casa 16 – p. 25

Em casa 17 – p. 26

Em casa 18 – p. 27

Em casa 19 – p. 28

Em casa 20 – p. 30

Em casa 21 – p. 32

Em casa 22 – p. 33

Em casa 23 – p. 36

Em casa 24 – p. 38

Em casa 25 – p. 39

Em casa 26 – p. 40

Em casa 27 – p. 42

Em casa 28 – p. 43

Em casa 29 – p. 44

Em casa 30 – p. 45

Em casa 31 – p. 47
Em casa 32 – p. 48
Em casa 33 – p. 50
Em casa 34 – p. 51
Em casa 35 – p. 53
Em casa 36 – p. 54
Em casa 37 – p. 55
Em casa 38 – p. 56
Em casa 39 – p. 57
Em casa 40 – p. 58
Em casa 41 – p. 59
Em casa 42 – p. 60
Em casa 43 – p. 61
Em casa 44 – p. 63
Em casa 45 – p. 64
Em casa 46 – p. 65
Em casa 47 – p. 66
Em casa 48 – p. 67
Em casa 49 – p. 70
Em casa 50 – p. 71
Em casa 51 – p. 72
Em casa 52 – p. 73
Em casa 53 – p. 74
Em casa 54 – p. 76
Em casa 55 – p. 78
Em casa 56 – p. 79
Em casa 57 Revolta – p. 82
Em casa 58 – p. 83
Em casa 59 Cisticídio – p. 86
Em casa 60 Liberdade – p. 91

Outros

Poema do amor maior — p. 93

Golpe — p. 98

Quando duas mulheres se amam — p. 101

Pau e pedra — p. 104

Comentários de

Alexandre de Melo Andrade, Anélia Montechiari Pietrani, Annabela Rita, Cacá Vidal (Carlos Vidal), Christine Arndt de Santana, Eliene Farias da Silva, Éverton Santos, Fernando de Mendonça, Gigia Talarico, Homero Carvalho Oliva, Juliana dos Santos Santana, Manuel Brito-Semedo, Márcia Batista Ramos, Pedro Varoni, Priscila Branco, Simão Pedro dos Santos (Pedro Pernambuco), Vera Duarte e W. J. Solha — p. 106

Sobre a autora — p. 131



Em casa 1

poemas vigiam
o sono do gato
o segredo do quarto
e a recusa do tempo
de ser exato

a sesta
no sábado
tem ponteiros
escassos
e é
mais que nunca
guardião do cansaço.

28/03/2020





Em casa 2

tempo de vigiar
a trilha das formiguinhas
do alimento ao ninho
e depois
fazer de tudo metáfora
dizer às pessoas
que interrompam o caminho
porque agora é inverno
porque agora o que nos cabe
é o útero do formigueiro
a caverna iluminada
pela luz do pensamento
que faz renascer o mundo
os doces e os espelhos

29/03/2020

Em casa 3

Tempo de descobrir
ternurinhas...

aquelas
mínimas
(quase invisíveis)
que cruzam os dias
sem exigir
qualquer coisa
de nós.

Tempo de reinventar
a palavra carinho
de fazer cafuné
nos fonemas
e deixar que brotem
poemas
na linguagem
do patapé.

30/03/2020

Em casa 4

sentir na pele
a sina do cacto
sempre aberto
ao abraço
e no entanto
simultaneamente
anti-abraço
no espinho
anti-ninho
que repele
pra não machucar
mas ser cacto
é também ser flor
irrompendo
gloriosa
entre os espinhos
o toque fere
mas o olhar
se alimenta
do abraço valente
que envolve a gente
na metáfora de sua cor

31/03/2020



Em casa 5

pensamentos
embaralhados
em números nus
vida em jogo
sem cartas marcadas
muitas regras
e quase nada
a se apostar
no carteadado das horas
somos
como nunca
reféns da sorte
assustados
com os uivos da morte

01/04/2020

Em casa 6

o pensamento
derruba paredes
reinventa viagens
reinaugura memórias
plasma imagens
no coração das horas

espelho d'água
convida ao nado
em tempos turvos
de tantos nadas
e de lagos revisitados
que correm
como rios
escrevendo a vida
em silêncio.

02/04/2020

Em casa 7

quieta
contemplo
a arte líquida
de águas anteriores:
coisas ditas
se desfazem
em ondas mínimas
canções verde-azuladas
e desconhecidas
sugerem sinfonias
suaves sinestésias
e paz
tudo é infinito
e fugaz
nessa calmaria
de formas ondeantes
carregadas de antes
tão mais belas
agora
no depois

03/04/2020

Em casa 8

há quem saiba
falar de amor
em linguagem
tão graciosa
que sem palavras
em verso ou prosa
faz o querer
parecer simples
como uma horta
que se cultiva
no quintal
amor que carrega
na boca
a esperança
que nos vela
o dia inteiro
como se fôssemos
a criança
cuja mãe se ausentou
amor que é canção
no olhar atento
de nosso Bombom

04/04/2020





Em casa 9

o mundo
na ponta do lápis
nas tramas do pincel
nos sons
nas palavras
escritas no papel

o mundo
que é o outro
ou a outra
em mim
quando me liberto
das paredes
e mato todas as sedes
que a arte tem

no casulo
ando fazendo voar
borboletas

05/04/2020

Em casa 10

colar
um a um
fragmentos
da memória
e compor
com as contas
- cheias de histórias -
... um colar.

na voz plural
da mesma palavra,
a própria vida:
ora jarro quebrado
(com rachaduras disfarçadas)
ora joia
com mil cores
exibida, celebrada

hoje
no caos do mundo
a vida precisa
colar cacos
de esperança

06/04/2020



Em casa 11

dorme a vida
tão frágil
esquecida até
de ser vida
calendário adiado
ponteiros quase parados
tudo em compasso
de espera
tudo medido
em números
curvas
estatísticas
projeções
retratos frios
de tristes amanhã

07/04/2020

Em casa 12

não há jogo
nem cartas marcadas
no baralho enviesado
desta hora
não há sequer vencedores
perdemos todos
nesta demora
para entender
que mais que sorte
é preciso amor
para vencer a morte

08/04/2020

Em casa 13

como entender
a sede dos incêndios?
as chamas
com suas línguas
inquietaas?
o medo
com suas bocas abertas?

como entender
as coroas de fogo
derretendo
cabeças e tronos?
como entender
que o pó que fomos
é o mesmo
que ainda somos?

como sobreviver
à fogueira das partículas
que torna tão ridículas
as ambições que cultivamos?

tempo de tantos comos
e de pouquíssimas respostas
tempo de mesas postas
à indesejada das gentes
tempo de um novo tempo
que chegou de repente

09/04/2020



Em casa 14

19.638 casos
1.036 mortes
números de hoje
macabros números
que somos
há silêncio
explodindo
as vidraças de tédio
dos insensíveis
mas as pessoas
continuam invisíveis

novos números
a cada dia
na progressão geométrica
desta coisa tétrica
que se tornou viver

10/04/2020

Em casa 15 (Para Fernanda Santos)

hoje nasceu
em tela
uma flor
cuja beleza
anterior a qualquer tinta
mescla o Tejo
ao Amazonas
multiplica literatura
transborda sabedoria
em afluentes delicados
uma flor única
como todas as flores
que sabem muito bem
o perfume que têm
e seguem pela vida
criando jardins

hoje
na clausura deste abril
uma orquídea
de nome Fernanda
me faz respirar
liberdade
no imaginário ar
do Amapá
de nossa linda amizade

11/04/2020

Em casa 16



costurar o tempo
ponto a ponto
alinhavando dúvidas
perfurando o tecido
cosendo o medo
da vida e da morte
como se fizéssemos
não nossa própria
mortalha
mas um vestido
de estampa colorida
que usaremos
na saída
do labirinto das horas

12/04/2020

Em casa 17

de repente
paredes são nuvens
que caminham suaves
brincando
com as curvas do vento
o chão é feito de mato
e chega ao olfato
o perfume da terra livre

de repente
o quarto é paisagem
de horizonte infinito
segredando
emoções azuladas
e verdes
as cadeiras são árvores
a mesa, um lago,
e o pensamento,
ah, o pensamento,
um afago zeloso
no coração em pânico
um balsâmico
um passaporte
uma bússola
com novo norte
uma fuga
para esquecer
a morte

13/04/2020

Em casa 18

Quando amanhecer
abrirei um sorriso largo
desses que a gente abre
quando a palavra alegria
nasce criança
no meio do dia
sem a cerimônia
dos protocolos da comédia.

Um sorriso desses
que a gente larga
nas varandas
de emoções pequeninas
nas quais debruçamos
as surpresas meninas
que saltam de nós
e nos reinventam.

Um sorriso ancestral
disfarçado de nada
que faz ver na madrugada
a antessala de um dia
que brilha antes do sol
trazendo no arrebol
as cores da fantasia.

Um sorriso que serei eu
como o eu
que fui um dia.

14/04/2020



Em casa 19

a roda dentada
de nossas dores
que tantas vezes
nos devora
com sua boca infernal
rasga-nos a carne
embaralha pensamentos
e parece que sempre
vai vencer no final.

15/04/2020



Em casa 20

o pensamento
em plena turbulência
faz voos camicases

quer salvar a Terra
mas a Terra
esconde seu rosto
envergonhada da violência
que sofre
(como costuma passar
com mulheres abandonadas
que choram solitárias
as vidas violadas)

quer ser herói
e transformar o mundo
mas é somente
um pensamento viajante
debruçado na janela
do avião da revolta
quer o poder
de revoluções ancestrais

mas é somente
um pensamento enclausurado
na máquina abstrata
em que voa

pensamento
menino pequeno
querendo ter mãos de gigante
para remodelar o barro
e começar tudo outra vez

ou
talvez

fazer a Terra
ser também
apenas um pensamento

um pensamento livre
com asas infinitas
dizendo adeus
aos algozes seus

16/04/2020

Em casa 21

quando seus olhos
amanhecem meu dia
o que havia de sombra
desaparece

é que seu olhar
como uma prece
reinventa minha fé
na alegria
traz mais
que jornal
pão
e café
faz o meu ser
- sua mulher -
esculpir no rosto
um espelho de paciência
e seguir o ritmo das coisas
sejam como sejam
venham como venham
já que tenho seus olhos
acordando a manhã
a me dizer
morenamente
que qualquer quarentena
será pequena
pra quem leva o amor
suavemente
pelas curvas macias
do infinito
e nada pode
ser mais bonito

18/04/2020

Em casa 22

lutamos
verbo que esconde
na mesma roupa
passado e presente

verbo conjugado
nas camisas
que suamos
caminhando
esperançosos
por avenidas de sonhos
em asfalto de injustiça

verbo que apaga a preguiça
e nos faz abrir as portas
e as comportas
das tantas veias
que desenham o que somos

verbo que carregamos
em bandeiras
enlutadas
olhando rostos cansados
pedindo que continuemos

verbo que não sabemos
(e nem queremos)
esquecer
por isso
lutamos
mal rompe a manhã
as dores são muitas
nós, tão poucos
com nossos gritos roucos
nossas bandeiras molhadas
e as agendas adiadas
até que nos olhos
dos outros
encontremos
a paz.

19/04/2020



Em casa 23

uma ponte
não é
uma metáfora qualquer
nela cabem
extremos da vida
travessias necessárias
travessias sem retorno
cabem águas poluídas
e também as transparentes
cabem as pessoas ausentes
que buscamos do outro lado
cabem as violentas
de quem buscamos fugir
cabe o meio do caminho
o não saber ficar ou ir
cabe o medo do futuro
e o passado indesejado

por ela trafega calado
quem parte pra não voltar
e quem volta da partida
tentando se reencontrar
na clausura faz-se abstrata

desejo de outros caminhos
faz-se um chão de carinhos
que nos leva
a quem não tocamos
elo abstrato
(o único possível)
com muitos que amamos

por isso
por tudo isso
uma ponte não é
uma metáfora qualquer

20/04/2020

Em casa 24

quando a indesejada das gentes
chegasse
teríamos a mesa posta
e todas as coisas
em seu lugar

mas gentes indesejadas
chegaram antes
e romperam
o lirismo das coisas
cavaram covas
repugnantes
cuspiram brados
ignorantes
e trataram a vida
como um baú de ossos
como destroços contaminados
sem tempo
para campos lavrados
e casas limpas

e a consoada foi outra
não o jejum delicado
a esperar pela última ceia
mas a fome do vírus
correndo na veia
com parte da plateia
ignorando a cruz
aplaudindo a morte
com mãos de pus

21/04/2020

Em casa 25

Até quando adiaremos
o Jardim das Delícias?
O que haverá nele
que nos faz adia-lo tanto?
Será o medo do desencanto
com a perfeição que sonhamos?
Será a capa de pecado
com que vestimos todas as felicidades?
Será nossa incapacidade
de pensar fora da média?
Ou será que somos feitos
apenas de dor e tragédia?

22/04/2020

(O jardim das delícias, 1500-5, de Hieronymus Bosch)



Em casa 26

entre lanças e dragões
tantos jorges sem espelhos
força escondida
em meio a receios
e raízes de ignorância

entre lanças e dragões
tantas batalhas ausentes
oguns e oxóssis
torturados (e calados)
com celulares nas mãos

entre lanças e dragões
silêncio das gentes
e o mundo doente
esperando milagres
esperando jorges

(milagres andam guardados
dentro de nós)

23/04/2020



Em casa 27

o carro de feno das coisas
revela
seus tridentes
suas lanças
e a ambição do "novo"
(a ambição de novo)
esfregando a mentira
no rosto de um povo
para quem o feno
era só alimento
hoje
é desalento

24/04/2020

(O carro de feno, 1515, de Hieronymus Bosch)

Em casa 28

resta levar um sorriso
pendurado no rosto
disfarçar as esquinas
da angústia e do medo
sorrir como quem guarda
um antigo segredo
adormecido como as estátuas
que enfeitam jardins

em tempos de nãoos
buscar os sins
ainda que pareçam
não existir fora do flash
inventor de esperanças
ilusionista das redes sociais
onde viver é selfie demais

25/04/2020



Em casa 29

deito na folha
palavra por palavra
a geometria inútil
deste sentimento
disfarces de metáforas
símiles alegorias
nada basta ou esconde
a morte das cores
na tela destes dias

abraço
simbolicamente
a respiração de cada verso
e sinto o ar escasso
do meu poema
quase morrendo
porque a poesia sabe
da pneumonia dos ponteiros

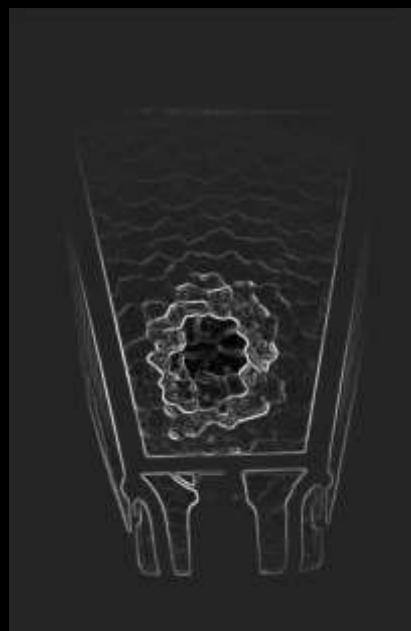
26/04/2020

Em casa 30

à noite
o pensamento abafado
pelo escudo do travesseiro
veste-se de paradoxo
e ausente de sono
busca luz
amarelando
uma esperança
pequenina
que ilumina muito pouco

abajur
arandela
candeeiro
castiçal
celular
estrela
lampião
lâmparina
lanterna
lua
luminária
spot
vagalume
ou mesmo uma vela
nada há
além daquela
mínima luz amarela
que apaga o sono
e acende a tempestade
porque
à noite
o pensamento acorda
e fica remoendo
as trevas do dia

27/04/2020



Em casa 31

quantas máscaras
abstratas
escondem o silêncio
e a respiração
do tempo
pedindo carona
na beira da estrada?

28/04/2020

Em casa 32

um baile de máscaras
sem carnaval
desfila dor
nos supermercados
nas quitandas
nas varandas
nos hospitais
muitas faces
sem espelhos
vendo o enredo
de suas vidas
atravessando
sem fantasia
a avenida
do medo

29/04/2020





Em casa 33

em tempo de esmola
a ser barganhada
com a moeda vida
a fila escancara
às nossas retinas
a régua que mede
as ordens do dia:
que uns se recolham
e que os outros morram

30/04/2020

Em casa 34

tempo de buscar Quixote
de rodar as pás
do moinho coração
de enfrentar gigantes
(aqueles mesmos
que antes
se diziam arautos
de uma nova nação)
de gritar
aos quatros cantos
todos os prantos
de quem morre
sem chance de luta
tempo de lavrar
a terra do sonho
(mesmo o mais remoto
que a dor enluta)
de ouvir a voz de Sancho
e no entanto
seduzi-lo às batalhas
quase perdidas
porque é tempo de ação
tempo de apagar
os garranchos
que nos são impostos
como constituição
hora da armadura

ainda que abstrata
que bane a amargura
que derruba a colunata
do ódio e do nada

tempo de buscar Quixotes
todos
os possíveis
os impossíveis
os velhos
e os novos
só com eles
moinhos voltarão ser moinhos
e em lugar de trevas
veremos caminhos

01/05/2020



Em casa 35

somos pombos
devorando migalhas
no atropelo de dias
sem alimento
e sem vergonha na cara
até quando
este tormento
de dar a todo tipo de tara
a posse monárquica
de uma vara
que fere nosso lombo
e joga sal em nossa escara?

02/05/2020

Em casa 36

na cabeça
do fósforo
o aviso:
não há mais fogo
nem Prometeu
o mundo
morreu

03/05/2020



Em casa 37

a dois centímetros
de mim
o stop
mas nada
nada me move

fico parada
na demora
que há
entre o ser
e o estar

04/05/2020



Em casa 38

do outro lado
da tela
do outro lado
do mundo
tantas vozes
tantas faces
e tudo mudo
na rima interna
de um espelho
sem fundo

05/05/2020

Em casa 39

aluga-se
uma janela interna
de onde se vê
a paisagem ínfima
íntima
de uma terra
devastada
plantada
de fogueiras
e de árvores
mutiladas

06/05/2020



Em casa 40

as estatísticas
em ponto de cruz
lançam seus bordados
como enfeites
nos aparadores
das memórias do porvir

estarão elas
mesmo
um dia
por aqui?

07/05/2020



Em casa 41

minha sorte
é um teto
algumas paredes
alimentos nos armários
muita água
para minhas sedes

minha morte
é tudo isso
lanhando a carne
da consciência.

08/05/2020

Em casa 42

balões de gás
colorem a noite:
são almas em néon
se despedindo
o futuro hoje
é um céu
de balões sumindo

09/05/2020

Em casa 43

a vida
quadro de compromissos
sempre adiados
anda devorando relógios
e arrotando ponteiros
de papel

10/05/2020





Em casa 44

mais que nunca
incansavelmente
lembrar que somos
apenas rabiscos
pó de giz
na boca do vento
flagrando a certeza
do desenho inútil
sem pele
para tatuagens

11/05/2020

Em casa 45

demora-se
no poro da pele
o nascimento do sonho
a prenhez
desta vez
conta os meses
às avessas

12/05/2020

Em casa 46

Está decretado:
depois dos 60
morrer é até
gesto delicado
ajuda o sistema
poupa a economia
evita os protocolos
da aposentadoria
faz bem ao amor
cessando obrigações
provas de afeto
e cansaço

13/05/2020

Em casa 47

comorbidades?
idosidades?
procurem-nas em seus cus
filhotes de belzebus

jornais, estatísticas
e vermes (vestidos de gente)
que sublinham idades
e doenças existentes
criando pretextos
para a morte
não têm a voz
da minha sensibilidade
são carne podre
na boca de abutres
são fio de esgoto
pingando
nos ponteiros do dia
são a pústula infame
na pele esgarçada
de quem muito fala
e não sente nada

14/05/2020

Em casa 48

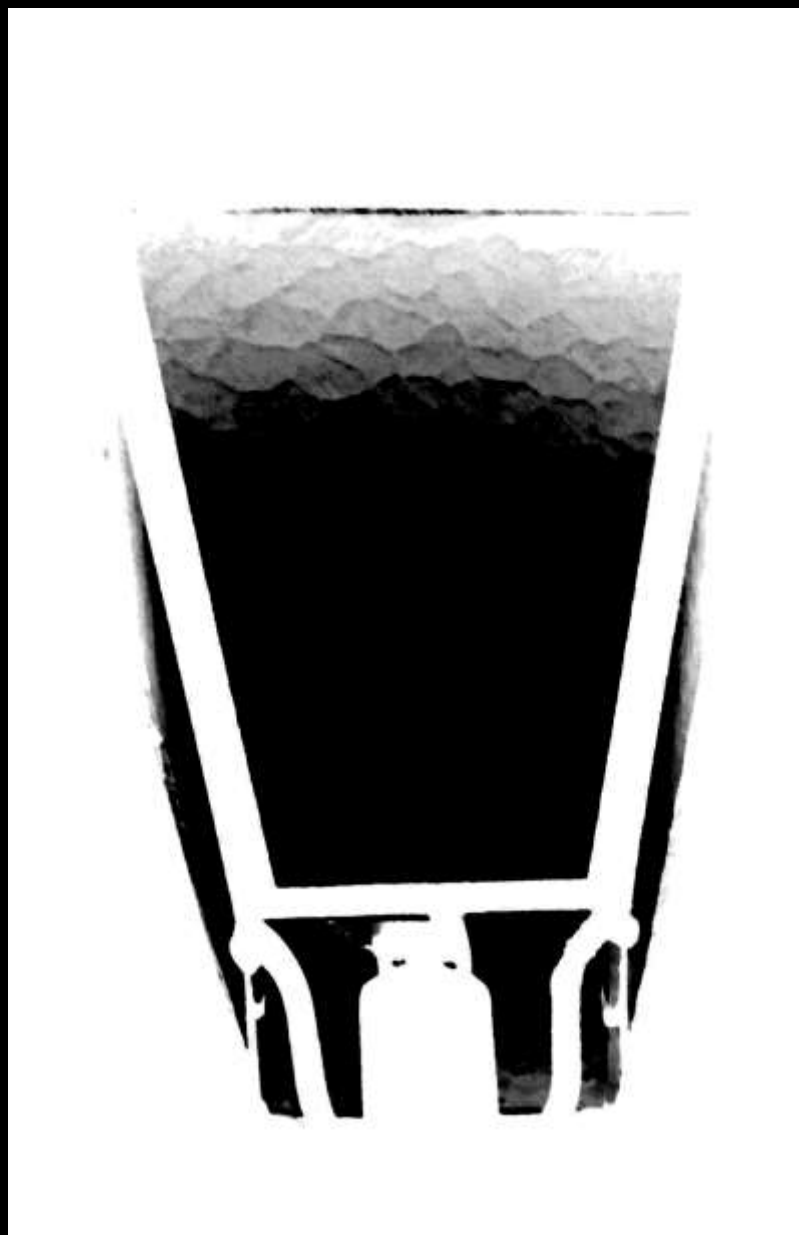
e a doença infame
leva um afeto
leva uma voz
que me era cara
uma mulher rara
em cujas veias
corriam rios do norte
mulher forte
tantas vezes
alimentando-se
da solidão das palavras
enquanto sonhava outras casas
e talvez outro destino

poeta do Grão-Pará
dos versos japoneses
poeta que tantas vezes
abraçou este país
esplêndido berço
em que tecia suas horas
demorando-se
na "linha d'água"
de uma pele
feita de arrepios
no selvagem repertório
de sua ousadia

a Savary
que eu queria aqui
ouvindo
o pulsar lento
quase silente
deste coração
onde ela mora
ontem, hoje, depois
tempo presente
sempre

15/05/2020





Em casa 49

eu tenho mãe
tenho pai
tenho tios e tias
amigas
amigos
e também gente
que sequer conheço
mas que por ser gente
tem na pele
como eu
a tatuagem do tempo
e envelhecemos juntos

eu tenho
amor
sem réguas
sem medidas
sem concessão
a nenhum sofrimento
a quem quer que seja
a dor do mundo
dói em mim
que também sou mundo
na metonímia dos seres

15/05/2020

Em casa 50

houve um passado
mas ninguém o ouve
o hoje
em sombras
fez do ontem
um rascunho rasurado
cheio de textos borrados
isento de pressa

17/05/2020

Em casa 51

som de violino
flutua
mas a rua
armada até os dentes
cola os ouvidos
no som das guerras

18/05/2020



Em casa 52

a morte
vestida de número
encena
absoluta
a tragédia
não haverá aplausos
não haverá mãos
somos reféns
de um roteiro de mãos.

19/05/2020

Em casa 53

não basta ser João
nem Pedro
porque no Brasil
amor cristão
é falácia infame
é violência sem nome
fome
crueldade
genocídio

a felicidade
pobre e negra
fuzilada
na sala
nas vielas
nas veias
das "favelas"
efêmera
tomba
nas tumbas
do silêncio
tão branco
tão imundo

meu grito de dor
some
no asfalto
da desigualdade
e eu fico só
remoendo minha vergonha
de ter tatuada na pele
a cor desgraçada
da opressão
e eu fico só
desenhando o rosto de João
abraçando as lágrimas dos seus
com vontade de cortar
as minhas mãos
e perguntar a Deus:
Quando
finalmente
o Amor
vencerá?

20/05/2020



Em casa 54

a morte é um abismo?
a consciência do nada?
um caminho tortuoso
para outra estrada?
uma doença da vida?
um selo de qualidade?
oceano visto da praia?
deserto bebendo água?
é o sopro do vazio?
a revelação da alma?
ou um punhado de ossos
tratado como história?
é a morte a memória
perdida quando se nasce?
é um Deus misterioso
revelando sua face?
uma corte da justiça?
último acerto de contas?
um duelo? uma derrota?
o medo batendo na porta?
por que sempre chega cedo?
por que não se cala
e vai embora?
por que tem que doer tanto?
por que nos deteriora?
que respostas traz a morte?
com que palavras se veste?
ou tudo que fala é silêncio?

é uma grande tempestade
toda enfeitada de ventos?
ou sinfonia de anjos
anunciando uma festa?
será ode triunfal?
um poema pastoril?
a cena final
da tragédia
que, afinal, é viver?
ou uma grande comédia
que nos fará rir ao morrer?
ironia de um paraíso
que se rejeita e se quer?

eu sei
respostas há muitas
e por serem tantas
são nenhuma

21/05/2020



Em casa 55

neste Nordeste
de tanta neve
tanto deboche
e tanto medo
desde cedo
nenhuma palavra
nenhum gesto
ou coisa que valha
agasalha
o sentimento de frio
a dor deste vazio
que se espalha
O Brasil foi um país.
Hoje é uma mortalha.

10/06/2020

Em casa 56

minha palavra,
cada sílaba,
lamberá o solo do papel
fazendo escorrer em suas calhas
a chuva escondida do meu céu.

a língua
debruçada em sua sede
antiga sede
de tréguas e ensaios
saltará no precipício
das i

d

e

i

a

s

sendo língua e ave
língua e nuvem
língua e voz
vulcão
assustado
com a própria lava.

voo

kamikaze

quase silêncio

tocando a aspereza

da vida

com a harpa do dizer

simplesmente porque
a gaiola da garganta
não suporta
ser cela
onde há asas
e mistérios
precisando viver.
de renda
espuma
e tristeza
bordarei
agudos e graves
na mesma sublime aventura
de existir além do tempo
em cada partícula
em cada sutura
do sentimento
que foge
das cerdas invisíveis dos tambores
para ser pele
revestindo
bat(o)cando
o êxtase
da beleza
nua.

(15/07/2020)

Revolta

Preciso escrever um poema
sobre a revolta.
Mas não uma
que me nasça das carnes,
parindo a profecia
que nasce, cresce e me mata.
Não o substantivo abstrato
que brinca de ser palavra,
mas que é pura agonia
nas frestas do pensamento.
Preciso da revolta concreta
plasmada no tempo exato
em que se rompem
as cangalhas da indignação
em nome de algo
que no humano mais não há.

Porém, como estas mãos
que só flores
sempre somente souberam
plantar
poderão moldar a argila
desta revolta ainda íntima
que escorre como o sangue
de uma ferida acesa?

Como virar a mesa
em um jogo de dados viciados?
Como escrever
com consoantes e vogais
o que escapa da palavra
porque não cabe no tempo?
Como soletrar este sentimento
de não saber
a linguagem das armas,
de não conhecer senão
o caminho das asas
que trafegam nos rios
da imaginação?

Preciso escrever um poema
sobre a revolta
e com ele apagar
paisagens de escombros
e sepulturas,
mas talvez
a esta altura
esteja eu mesma sepultada
no cemitério oculto
da própria
revolta.

25/07/2020

Em casa 58

quantas
inexistentes moedas
escorreram translúcidas
por meus dedos
enquanto
a *Virgen de las visiones*
de Lázaro García
imprimia novo olhar
em minha face
libertando-me de todas as cifras
inundando-me de sonhos
até as vísceras?

quantas
ausentes cédulas
derramaram valores
pelo chão dos bolsos
enquanto
La verdadera historia universal
de Carlos Alberto Estévez
encenava outra vida
na madeira
de meus pensamentos
arrancando-me da monotonia
dos silenciamentos?

quantas
faturas vazias
desaconteceram
nas vias dos pagamentos
enquanto o
Bombardeo del 15 de abril
de Cabrera Moreno
me levava ao Guernica
na aeronave
dos sentidos
desgarrando-me
das etiquetas dos vestidos?

quantas e quantas
moedas, cédulas e faturas
são desinventadas
pela poeira quântica da beleza
que transborda
sem códigos de barras
por avenidas despidas de letreiros
nas quais o neon
apagou o dinheiro
desconcertou o desconserto
e fez brilhar unicamente
a chama infinda da invenção?

porém
quanta
arte quântica
plasmada
na microscopia
que a vida tem
anda nestes dias
refém
do abissal ruído
que morte
anda fazendo
nos campos de marte?

de resistir
até quando
será capaz
a arte?

30/07/2020

(Imagens citadas: Museu de Belas Artes de
Havana, edifício de Arte Cubana)

Em casa 59

Cristicídio

a palavra Cristo
está na boca do mundo
a palavra Cristo
está na boca do imundo
salta das salivas
com o sabor de sangue
do ódio em comitiva
da religião-gangue
que vende Jesus Cristo
como souvenir
e cria outra cruz
para ele carregar

a palavra santa
em hálito fanático
nega o próprio Cristo
e o mata todos os dias
nas balas perdidas & achadas
na diferença navalhada
nas meninas violadas
tratadas como cadelas no cio
na ofensa sem limites
cobrindo de fel as águas do rio
cantando em festas

enquanto nas florestas
povos morrem
sem poder gritar

a palavra pura
em boca maculada
fere o coração sagrado
citando provérbios
e parábolas
enquanto cospe no chão
enojada com os moços
que amam outros moços
impondo voz de morte
a quem não teve a sorte
de viver em paz
falsa palavra
que nada sabe de Cristo
que nada sabe de nada
que só vale para ser escarrada
palavra sem asas
que rasteja no chão

diante do Cristicídio
da ode ao genocídio
da agonia horrenda
do sentido infinito do Amor
diante de mãos vestidas de armas
de beáticas faces de horror
fico com o Jesus menino de Caeiro

peço licença e brinco com os dois
para reaprender sorrisos e flores
e esquecer o assassinato sem pudores
do Cristo usurpado
pelos arautos de Satanás
que meu ser não suporta mais

compadecido de meu tormento
Jesusinho me dá a mão
por um momento me olha
e sussurra em meu ouvido
sua imortalidade
diz que as lágrimas que eu choro
hão de regar outros tempos
hão de levar como o vento
a gente que matou Cristo
que o traiu mais uma vez
dito isso me apaziguo
porque agora
tal como em Caeiro
ele habita onde vivo
mas sei que está ali
dando também a mão
a tudo que existe
ainda que parte desse tudo
seja a que insiste
em matar Cristo e o Amor

fecho os olhos ainda triste
pelo Cristo que morreu
no coração dessa escória
que apaga nossa história
e o crucifica novamente

mas aquele menininho
cuja força não se mede
conhece a mágica divina
resgata em mim a menina
e eu consigo dormir.

18/08/2020



Em casa 6o

Liberdade

palavra tão cara

ave rara

asa com penas

de rebelião

31/08/2020

Outros

Poema do amor maior

Para Gilvan Costa Santana

Maior:
pequena palavra
que não lava
com precisão
a terra fértil
infinita intensa
que se chama
coração.

Palavra revestida
de implícita medida
ao que não se mede
ao que sempre excede
lotes quadras tarefas
chácaras sítios fazendas
todos os hectares
de um solo de malabares
sem fronteiras
que derretem altares
e geleiras.

Tímido morfema
descuidado
que pensa expressar
a amplitude
mas que não toca

a magnitude
do que existe além
da palavra
do que é semeadura
e também colheita
sem enxadas pás
ou cavadeiras.

Maior
que é o menor
dos sememas
adjetivo parco
inútil barema
que engana os olhos
mas não o olhar
palavra pouca
para o verbo amar
quando quem se ama
está lá
na terra
onde o raio de sol
está de mãos dadas
com a noite
onde o azul
é mais colorido
debaixo e acima da água
onde existir
é pura atemporalidade
isenta
de medições.

Amor, assim,
não se qualifica
é côncavo e convexo
é chuva que lança
a areia do Saara
é prato que se trança
com o sorriso
que não para
é novena de Dona Canô
o Olodum no Pelô
as fitas todas do Cacumbi
força que mescla o lá e o aqui
mais que país
planeta galáxia universo
sentimento que viola
a estética do verso
com suas métricas rimas
e silêncios.

Amor maior
portanto não há
e se houvesse
ainda assim
em um poema
não caberia.

Amor apenas
porque com menos fonemas
fica mais próximo
de Deus.

Amor apenas
brilhando solto
nos olhos sábios
de um filho
que vive um tempo
de adeus
sabendo
que o adeus
não existe
que é somente
um ponteiro
que ainda insiste
em medir
a iniludível consoada
que ainda insiste
em dividir
a vida e a morte
como o tudo e o nada.

Amor apenas
e sem penas
mesmo na lágrima que cai.

Amor apenas
e tão plenamente
que ama até a dor
que se sente
quando a mãe
matéria presente
pede passagem e se vai.

Amor apenas
na terra e no céu
dos corações.
Amor que
colhe frutos infinitos
das maternais plantações.

Amor apenas
e tão bonito
que faz a mãe
viver no filho
fazendo ver
que ele é mesmo assim
uma história sem fim
força que consagra o sim
quando o mundo parece
(o simulacro das coisas)
dizer não.

Christina Ramalho
13/11/2019



Golpe

no fim do teatro
o verdadeiro espetáculo:
marionetes & pinóquios
de repente gentes
em torrentes
de vozes
preces
elogios
odes
pressa
na ressa
de palavras
verde-amarelamente
manchetes

dos diários
publicamente
secretos
decretando
a hora do fim

no fim do teatro
nem cortina de fumaça
tudo é claro
e raro
no êxtase
da corja
que forja em nome de Deus
que rosna aos entes seus
a alegria sórdida
da trama urdida
da mentira concedida
no pacto do adeus
nos dois esses
de justissa
na ceia de uma missa
por Judas presidida
pantomima
tragédia
crime

adeus, querida, adeus
vá agora
vá embora
levando
nos braços seus
os votos
a democracia
os sonhos de um país
finalmente cortados
pela raiz
(assim dizia a voz
da confraria de imbecis)

sem mais
portas fechadas
mulheres de mãos dadas
feridas sem cicatriz
sangrando
os fonemas
e as algemas
do golpe.

Quando duas mulheres se amam

Para muitas amigas que amo

quando duas mulheres se amam
brotam pétalas no ar
uma rosa vai se compondo
entre nuvens e melodias
como se noites e dias
escrevessem sua canção
em desenhos de seda, renda
e algodão
suaves rosas multiplicadas
criam jardins
plantam perfumes
bordam com formas e volumes
cúmplice espelho de coragens
por onde escorrem
como rios
fortes arrepios
águas fartas
e belezas inexatas
por isso mesmo
tão belas
quando duas mulheres se amam
(pessoas debruçadas em fontes
esculpindo os próprios horizontes
em pedras feitas de sins)
o ódio fica lá fora

olhos de sentença vão embora
e ficam no livro da vida
o pacto
a escrita
a luta
a luz
o laço
a cor mais púrpura
do abraço
e esse motivo
tão simples
que se chama
amor

03/10/20



Pau e pedra

Jamais foi tão precisa
a metáfora da pedra
e a força
que dela medra
e nos arranca do cais.

Não é hora de acenos
de lenços úmidos
e olhares avermelhados.

Vermelho, sim,
deve ser o barco
lançado às tormentas.

Vermelhas, sim,
as placentas
que rompemos para nascer.

Vermelha, enfim,
a celebração civil
desta terra pau-brasil.

Jamais foi tão precisa
a metáfora da pedra
e a força
que dela medra
para dizermos "não mais".

Sejamos, pois,
pau e pedra,
passo e ponte,
sapo e rã,
antes que seja tarde
para a palavra "amanhã".

Comentários

A poesia, ainda que dotada de profunda inspiração nas questões universais, no espírito coletivo, não se descola da experiência cotidiana e da realidade próxima; o poeta parte de suas perspectivas individuais, do seu modo particular de sentir a existência, para engendrar a rede metafórica por onde sua subjetividade se comunica com o mundo e é por ele impactado. A poesia de Christina Ramalho, nestes *Ponteiros de papel*, é fecunda nessa relação entre o eu e o mundo.

O título dos poemas, reiterado ao longo da obra (“Em casa”), traz o tema do recolhimento no interior da própria casa, mas não dizemos “casa” apenas no sentido físico, mas também na sua acepção figurada, designando o isolamento na sua própria subjetividade, na sua casa íntima, captando seus movimentos interiores. Também podemos atribuir o sentido de “casa” à significação da própria poesia – corpo que abriga as ruminações da poeta, pois, no seu próprio dizer, é tempo de “fazer de tudo metáfora”, já que “agora é inverno”. Diante disso, ganham contorno os objetos próximos, o silêncio (onde é gestado o dizer poético), as ternurinhas cotidianas, as observações aflitas do modo como a vida se dá.

Importa também dizer que a “casa”, aqui, contrasta com o caos do mundo fora dela. A poeta tem o controle do que compõe, fundando seu mundo na teia poética, ao passo que o mundo – que limita nosso poder de ação e sobre o qual não temos controle – é de aridez, de cacoc a serem colados, sem expectativa de “amanhãs”, de ausência de respostas.

O eu-poético, na obra, aparece como ressonância organizada dos desajustes do mundo, tentativa de elaboração da experiência pessoal diante da falta de sentido na realidade empírica. Claramente os poemas estabelecem um vínculo com a pandemia que assola a humanidade no ano de 2020, com seu crescente

número de ocorrências e mortes. Viver essa/nessa realidade se tornou uma “coisa tétrica”. A distribuição dos poemas em datas ininterruptas atesta o peso dos dias, o olhar que acompanha o mundo, sabendo que o perde não apenas para um vírus devastador, mas para a incompreensão, a ausência de valores humanos fundamentais, a escassez de compaixão, o uso da religião como mercadoria e poder, a presença de “gentes indesejadas”... tempo onde a própria Terra esconde seu rosto.

Poderá a arte ainda resistir? Que pode a poesia num contexto que lhe é tão avesso? Ainda que o cenário captado pelo olhar de Christina Ramalho seja de profunda desolação física, moral e espiritual, sua poesia também abre uma fresta, ainda que ínfima, por onde se observa o tempo de buscar os sins dentro dos não, a arte dentro dos muros, a esperança dentro da noite, o amor dentro da morte.

Alexandre de Melo Andrade

Professor da Universidade Federal de Sergipe



O livro de Christina Ramalho me chega aos olhos nestes dias em que quero riscar 2020. Em uma das últimas páginas, lá está o ano, em corte transversal, fazendo minha visão – do real, da imaginação, da memória – tornar a cada casa em sua apenas janela como um olho aberto ao mundo sem olhos. Estávamos em nossas casas, em nossos eus, com nossos Bombons no início do livro, porque víamos ainda um fio de luz, e a poeta do livro fazia voar borboletas. No caminhar de nossos olhos pelas frestas das páginas, porém, o ponteiro no papel mostrou que o tempo é ainda de peste, carência, barbárie, golpe, pus, gente pústula. Não renascemos, pinta

Hieronymus Bosch, como depois Picasso, e depois Cabrera Moreno, porque a maldita história se repete como tragédia e como farsa. E tudo foi tão bem encenado, que os que comem feno e lutam por ele riram dos ombros carregando anhos e cruzes. Até a poeta amiga da poeta do livro se foi. Para que serve essa gente com mais de 60 anos, afinal? Era o que eles pensavam e, fingindo amar a Cristo e falar em Seu nome, cumpriram decididos seu cristicídio. Eu tomei da autora de *Ponteiros de papel* as palavras e os quadros. Para pensar Eliot e a terra devastada, preciso ainda copiar o horror em poesia por Christina Ramalho: “O Brasil foi um país./ Hoje é uma mortalha”.

Anélia Montechiari Pietrani

Professora Associada de Literatura Brasileira - UFRJ

Coordenadora do NIELM - UFRJ/CNPq



“Livro da Vida” em *chiaroscuro*

Putto (do lat. *putus* ou do italiano *puttus*, menino), evocando o infantil Cupido, simboliza o amor e a pureza. Aqui, porém, a infância surge do esboço à perfeição escultórica deteriorada pelo tempo que o relógio, ao lado, marca, inexorável. Desde 28/03/2020 até 03/10/20, num “livro da vida” de Christina Bielinski Ramalho gerado pelos “Ponteiros de Papel” que o intitulam.

Esse ciclo percorrido pelos “Ponteiros de papel” é marcado pela pandemia, dominado por ela, como sinalizam os “números macabros” que diariamente desfilam banalizando a morte, o horror (“19.638 casos / 1.036 mortes”), o terror (“no carteadado das horas / somos / como nunca/ reféns da sorte/ assustados / com os uivos da morte”).

Ao fundo, o negro domina: a inscrição a branco, verbo ou desenho, é resistência, traço de luz iluminando as sombras da morte e da loucura. E há apenas alguns *flashes* na escuridão: o olhar como “prece” dos olhos que “amanhecem meu dia”, a “orquídea/ de nome Fernanda [Santos]”, cuja beleza “mescla o Tejo ao Amazonas”...

A poesia e o desenho dançam no escuro, única forma de sobrevivência: “faze[ndo] de tudo metáfora”, “reinventa[ndo]”. “reinaugura[ndo]”, “plasma[ando]/ imagens/ no coração das horas”. O pensamento “derruba” os obstáculos, buscando no “espelho d’água” o *poder do mito* (Joseph Campbell) que vibra em Hieronymus Bosch (*O carro de feno*, 1515), Cervantes (os moinhos de D. Quixote), S. Jorge e o Dragão... até à pintura mágica de rupestre gruta (Lascaux ou outra), às origens da humanidade.

Por fim, com o número fatídico (13) consagrado em porta, fecham-se as cortinas da boca de cena, dando lugar ao verdadeiro *teatro do mundo*: o vermelho sangue espirra do/no negro, insinuando um novo começo no ‘rebentar da placenta’. Em 60 casas e no espectáculo de antes e do depois. Com dor, mas com amor também. Celebratório da vida do “pau-brasil”. *Chiaroscuro*, como a Arte e a Vida, a *ArteVida* registada pelos *Ponteiros de papel* de Christina Bielinski Ramalho. Em partilha. Acolhamo-la, lendo-os.

Annabela Rita

Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras - CLEPUL



Esta semana foi especial para mim. Ao ler e reler essa espetacular obra *Ponteiros de papel*, pude refletir profundamente a respeito do tempo, do amor, da sutileza e da beleza das pequenas coisas, da esperança e ao mesmo da revolta, da desesperança e das angústias e injustiças que estamos vivenciando em nosso país. Christina Ramalho nos remete a uma profusão de sentimentos e possui uma incrível capacidade de transitar do lirismo para a crítica social orgânica. Retrata o amor e a natureza em suas múltiplas formas com tremenda delicadeza e sensibilidade, ao mesmo tempo em que apresenta uma linguagem forte, crítica, filosófica e reflexiva a respeito da vida. Seus poemas nos levam para um outro estágio de consciência, criando melodias, ritmos e harmonias de forma natural, pois sua poesia se funde com a música de forma harmoniosa. Desejo manter para sempre nossas parcerias musicais, sua sensibilidade é rara. Grande Abraço! Sucesso e que venham mais poemas, livros e canções!!!

Cacá Vidal (Carlos Vidal)

Doutor em Engenharia Civil, professor universitário e músico



Estes tempos de quarentena, que já se alongam mais do que a nossa medida pôde prever, permitiram-nos verificar aquilo que é necessário e, por isso mesmo essencial para a nossa existência: o cuidado que devemos ter conosco e com os outros, nossos conhecidos ou não; a atenção voltada às coisas simples, de uma “trilha de formigas” ao “cochilo de um gato”; os “afetos”,

“ternurinhas” e carinhos dos próximos próximos e dos próximos remotos, distantes fisicamente e pertos pelas telas que viraram janelas para se ver o mundo. Aprendemos, também, que números não são frios e muito menos exatos. Aprendemos, na pele e na alma, que a poesia, como disse Horácio, é doce e útil... e que “amores salvam quarentenas”. E, infelizmente, aprendemos que “a régua que mede as ordens do dia” define quem vive e quem morre. Nesse nosso tempo de pandemia, sentimos a importância de “buscar Quixote”. Verificamos que quando “gentes indesejadas chegaram antes e romperam o lirismo das coisas” e fizeram do Brasil uma mortalha, como outrora cantou Castro Alves, a pergunta “de resistir até quando será capaz a arte?” se tornou necessária e eu ensaio uma resposta: enquanto tivermos *Ponteiros de papel* a poesia resistirá... e a lírica de Christina Ramalho nos ajudará a existir e, sobretudo, resistir!

Christine Arndt de Santana

Professora do Curso de Teatro da Universidade Federal de Sergipe



“Costurar o tempo / ponto a ponto / alinhando dúvidas / perfurando o tecido / cosendo o medo / da vida e da morte” são metáforas utilizadas por Christina Ramalho para concretizar sua poesia. Inserida entre as poetisas da contemporaneidade, Christina Ramalho, em *Ponteiros de Papel*, faz do cenário vivenciado mundialmente seu motivo poético. O contexto de incerteza, marcado por um tempo de angústia e medo da morte vivido pela humanidade em 2020, é explorado, desvendado e metaforizado em muitos de seus poemas. Desde a capa de *Ponteiros de Papel*, a temática dos poemas e as imagens de algumas páginas, é possível

perceber como a estudiosa da poesia lírica externou os sessenta dias (talvez os mais difíceis) vividos por homens, mulheres e até mesmo crianças confinados em razão da pandemia. Sem esquecer do jogo de cores claro-escuro trabalhado pela escritora, pois ele muito revela. Nesse jogo de cores, o luto e a dor do mundo são o papel de fundo em contraste com a luz das palavras, simbolizando o que o fazer poético pode proporcionar. O ponteiro das horas, dos minutos e dos segundos angustiados pela quarentena são transpostos para o papel, como um meio de apagar as paisagens de escombros e sepulturas como revelado pela escritora no poema *Em casa* 57. Assim, são nas teias da criação poética que a escritora encontra um afago, uma fuga para esquecer a morte.

Eliene Farias da Silva

Mestranda em Estudos Literários – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS



Pontuando pontiagudos ponteiros

Esta coletânea é composta de poemas que vigiam o tempo, criam a percepção do tempo, convidam a pensar o tempo, tornam-se tempo na escrita, na leitura, no deleite, na angústia. Poemas que olham o quarto, a cama, a rua, o cansaço, o descanso, a caminhada, o formigueiro, a fila, o pensamento, a emoção, o café, as cruces, os sonhos, as manhãs e as manhãs e, por que não, as massas e as maçãs. Poemas feitos em casa, mas não nas coxas; poemas de casa, caseiros, com suas portas abertas à visita; poemas que são tão nossos que nos fazem sentir em casa, nos dizendo “venha, você é de casa!”.

Mas cuidado – a familiaridade tem seu preço e o cobra na obra. No interior dessa casa-mulher, há escombros, sepulturas, ódio, mas, por entre as frestas, escorre uma luz envolta em justiça, esperança, beleza. Essa casa, vale dizer, não era engraçada e continua sem teto, sem nada, só pedra – é uma casa do oracular tempo da poesia que se molda numa riqueza sem opulência para se igualar à temeridade e sujidade das horas atuais. É beleza na feiura em que as coisas se tornaram, é – saramaguianamente falando – “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”.

Os poemas são, ao fim e ao cabo, sobre o tempo. Tempo de transbordar literatura, de abraçar o cacto e ser flor, de sobreviver às chamas das ambições, de estender a mão para tocar a cor do outro, de aprender a jogar o carteadado da vida, de costurar vestido colorido de despedida, de ouvir a sinfonia do “re”: reinventar(-se), rememorar, reescrever, de aprender a calcular o sentido da vida, de retomar, agora, as águas passadas e ressignificá-las, de falar de amor como quem lava e livra, burila a pedra e a torna joia, de conjugar o verbo olhar-encontra-olhar-e-meu-dia-começa-bem, de (se) libertar, pela arte, da sede, de lutar com bandeira em riste contra as opressões, de salvar a Terra pensando, de sorrir de alegria e surpresa diante do Jardim de Delícias, de abrir a caixa de milagres que carregamos nos cantos escondidos de nós, de inventar sólidas esperanças, de usar máscaras, mas não de se mascarar, de atravessar bravamente, sob luz amarela, a esquina do medo, de acordar Quixotes para que o mundo não morra, de observar as pontes e os moinhos concretos ou não, de colar cacos de esperança no colar do cotidiano, de enfrentar as gentes indesejadas, de apunhalar o ovo em busca do sim, de mutilar as mãos para não juntá-las em falsas orações, de salvar Cristo das novas cruzes, de fazer girar a vida mumificada no esquecimento, de homenagear, consolar, vivificar outrens que são parte de nós, de se

sentir metonímia do mundo, de ver suaves rosas multiplicadas no amor entre iguais que ousa dizer seu nome, de ser o vencedor da morte pela trama mais comum, clichê, corriqueira e mais difícil: o Amor.

É, como se vê/lê, tempo de ação entre a sorte e a morte.

Em um de seus poemas mais célebres, o velho Charles Bukowski diz que é impossível vencer a morte, mas que é possível vencer a morte ao longo da vida, às vezes. Da roda dentada das dores, do labirinto das horas e da indesejada das gentes, não há como escapar. Não sem literatura. Não sem arte. Não sem tornar vida a sua vida. Não sem fugir à fria submissão. Não sem deixar que os deuses se deliciem em você. Não sem tornar o coração um risonho e vívido espectro de possíveis.

Para transgredir o estado de coisas, ficamos diante de páginas pretas de revolta e indignação como se fez preto o presente, como se fez enlutada a existência pandêmica, como se fez absurda e naturalizada a maldade. A raridade da vida (oh vida tão rara que pede mais alma e mais calma) é, neste livro, o branco das letras – de cada palavra que lambe com a serpe da língua o solo do papel – cujo brilho rasga a carne da página e penetra na sensibilidade, dizendo “eu sou vomitada estrela de mil pontas, engole-me de novo, ressuscita!”. A luz na escuridão é a mensagem de que, sim, é tempo de morangos – plantados, colhidos, tetricos até, mas vermelhos como sangue vivo que escorre entre o que é pequeno, entre a grama, entre as ranhuras dos paralelepípedos e avança o sinal de pare. Poemas de sangue, de luto e de luta, do que falta e do que falta, de uma sutil violência e de recados em garrafa naufraga: ponteiro de papel é o tempo em que se pode escrever, é o tempo que se es/ins/des/transcreve.

São 60 poemas – um para cada minuto, todos para uma hora. E a hora é agora. São para serem lidos, como se diz, numa sentada, depois é necessário se levantar, ainda que não literalmente, ou sim, e pôr as engrenagens para rodar porque passar incólume por esses textos não é uma opção. Se eles (ou algum deles) não trespassarem a derme da leitura, é um triste sinal de que a infâmia já se apossou dos sentidos, da razão, da humanidade, já se vestiu a mortalha. É sinal de que o relógio já parou, embora os ponteiros continuem trabalhando. Mas falta o essencial, e não se pode esquecer do essencial.

Christina Ramalho nos presenteia com uma poesia que se faz pedra que não medra, palavra que não se cala, vermelho que não se apaga, mensagem que se propaga, justiça que não se venda/e. Há uma força que pulsa e sangra, da qual somos chamados a participar, partilhando a centelha de Prometeu. Não é o fogo que encrespa nossas florestas, mas o que acende nossos olhos para ler e deglutir com o coração que bate no ritmo dos ponteiros. E, se tais ponteiros são brancos, quero tingi-los de vermelho, de um vermelho bem fulgurante, para sair do branco e do preto, para neles ver meu sangue junto à hemorragia social nesse tecido em que a dor de um não pode senão ser de todos uns que somos nós – brancos, pretos, vermelhos, iguais.

Éverton Santos

Mestre e Doutorando em Estudos Literários (PPGL/UFS)



Do calendário como um demônio, já nos viera o alerta (Blanchot).

Do relógio como um inferno, já nos viera a certeza (Cortázar).

Do quarto como labirinto, já nos viera o eterno (Borges).

Hoje, nos ponteiros de 2020, vem-nos a esperança de uma prece, nestes 60 movimentos que completam mais um ciclo na trajetória poético-existencial de Christina Ramalho, a nos p(r)o(f)etizar: sairemos com as vestes do tempo, mesmo que num escudo de retalhos, mas sairemos.

Obrigado, Chris,

por nos dar o futuro,

hoje.

Fernando de Mendonça

Professor do Curso Letras LIBRAS da Universidade Federal de Sergipe e poeta



Christina es docente, investigadora, estudiosa de la poesía y, responsable de una vasta y versátil obra poética, que va desde poesía épica inspirada en clásicos, hasta poemas breves cuya profundidad exige un arduo trabajo de síntesis. Christina es una enamorada de la vida y me atrevo a afirmar que en su caso, el acercamiento, la justicia y el amor son la semilla de su obra, a la que se entrega con la misma pasión y sinceridad con que vive. Sus palabras en algunos casos (*Poemas Breves*) parecen brotar mínimos

en palabras y enormes en contenido, esculpiendo festivamente su poesía. En otros, (*Italo*), la entrega incondicional y apasionada desborda las palabras, o como en (*Lección de vuelo*), donde es reflexiva, femenina y contestataria.

Punteros de Papel, es producto del confinamiento pandémico, a puertas cerradas, su voz poética pasea a diario por su interior y lo que son pequeños momentos del cotidiano, pensamientos fugaces que se inician como tomas en negativos de fotografía, y que se van convirtiendo rápidamente en una profunda y sentida introspección sobre la vida, la crisis, el tiempo y la muerte, todo sin desarrollo ni salida del cuarto oscuro. Para estos negativos, ni el sistema ni las pantallas, (ladronas de sueños e inventoras de consuelos materiales) tienen respuestas.

La poeta sintetiza en líneas concretas y sensibles, una reflexión sobre este tiempo de encierro y de ausencias. La inmensidad del ser comunicativo y empático de Christina, traspasa las paredes haciendo suya la soledad y el sentir de todos. La incertidumbre pesando sobre un nuevo tiempo amenazante, sin ofertas ni respuestas, donde los seres humanos nos tornamos invisibles fantasmas, obligados a tejer mortajas para el pensamiento y para nosotros mismos; y a diario también destejerlas para guardar la esperanza de seguir teniendo la antigua posibilidad de reinventarnos.

Gigia Talarico

Poeta y narradora (Chile/Bolivia)



Christina Ramalho: el arrebató de la depuración

La poeta **Christina Ramalho** hace que sus versos seduzcan a los fantasmas de las palabras para revelarlos en una indiscreta epifanía en cada poema de **Ponteiros de papel**; libro escrito en portugués en el que "los poemas vigilan el sueño del gato y los secretos de la habitación". La poeta quema las imágenes de la nostalgia, del recuerdo, del ser que habita el espacio entre las paredes y el cielo para que, de sus cenizas, como el ave Fénix, esas imágenes resuciten en poemas.

El poemario está dividido en dos partes, en la primera se encuentran sesenta poemas bajo el denominativo En casa, En casa 1, En casa 2...y en la segunda parte Otros poemas. El poema para Christina es el íntimo arrebató de la depuración como se puede apreciar en: "Libertad// palabra tan amada, /ave extraña/ con plumas de rebelión" y es una sensible fibra de las raíces de la humanidad que se revela en la página como se puede leer en cada poema de la segunda parte.

Después de leer **Ponteiros de papel** compruebo que los buenos poemas no están escritos en el papel, salen de nuestros ojos y se instalan allí; porque los buenos poemas nos leen a nosotros, dicen lo que hubiéramos decir respecto a eso mismo que estamos leyendo. Christina ha cumplido con el lector, porque escribir un poema es como empeñar la palabra, el lector tiene que comprobar que el poeta cumplió con el compromiso.

Homero Carvalho Oliva

Escritor boliviano



“Tenho apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo”. Foi com a exatidão desses versos de Carlos Drummond de Andrade que terminei a leitura de *Ponteiros de papel*. A leitura dos poemas revelou-me um Eu-lírico sensível ao contexto atual do mundo. O isolamento, o distanciamento social, o “fique em casa”, tão necessários hoje, são abordados de forma delicada e sensata. Os ponteiros de um relógio marcam as horas, os minutos e os segundos, dando-nos a noção do tempo e, em meio a todo esse caos, não é rara a sensação de perder essa noção. Além disso, é possível sentir junto com o Eu-lírico todo o peso, toda a perda, toda a angústia e a frustração que nos foram abatendo ao longo do presente ano em nosso país. A leitura deste livro também convidou-me a mergulhar mais profundamente no que tenho sentido diante dessa realidade de mundo na qual me encontro e do quanto é importante a expressão diária de sentimentos aos que me cercam.

Juliana dos Santos Santana

Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS



Ponteiros de papel para um mundo “sclock”

A cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, Cabo Verde, situado no atlântico médio, de onde sou originário, foi uma cidade-porto que, na segunda metade do século XIX até os inícios dos anos trinta do século XX, desempenhou um papel importante na ligação entre a Europa e a América do Sul.

Os habitantes da ilha de São Vicente souberam tirar partido dessas circunstâncias e, entre outras, acabaram por desenvolver uma variedade própria da sua fala do crioulo, a sua língua materna, com a incorporação de um sem número de vocábulos, corruptelas do inglês, que, ainda hoje, usam no seu dia-a-dia. Uma dessas palavras é "sclock" vinda do inglês *o' clock* (hora certa) que, com adição de uma partícula de negação **des** (simplificado para **s**), ganhou o sentido de "não certo", "avariado", de cabeça ou doido, "fora do tempo".

Ao classificar este mundo louco e surreal que estamos a viver devido à pandemia da covid-19, que veio alterar toda a nossa vida como a havíamos estruturado antes, faço-o na minha língua materna onde melhor sinto e expresso esse estado, "mundo sclock", designação essa que atribuo a estas minhas breves notas por sugestão do título e da gravura da capa do *Ponteiros de papel*, o mais recente livro de poesia de Christina Ramalho.

Este conjunto de poemas, sob a designação "em casa" – escrito de uma forma sistemática, de 28 de Março a 30 de Julho – foram uma maneira encontrada pela autora para manter a sua sanidade mental – ficar *o'clock* – fazendo arte para driblar a obrigatoriedade de ficar em casa com "a recusa do tempo / de ser exato".

O livro *Ponteiros de papel* compõe-se de 60 poemas, organizado em quatro blocos de quinze, metaforicamente, quatro quartos de uma hora, uma unidade de medida de tempo, traduzindo-se em um poema por minuto.

E assim a Christina Ramalho vai

costurar o tempo
ponto a ponto
alinhavando dúvidas
perfurando o tecido

*cosendo o medo
da vida e da morte
como se fizéssemos
não nossa própria
mortalha
mas um vestido
de estampa colorida
que usaremos
na saída
do labirinto das horas*

Cidade da Praia (Cabo Verde), Outubro de 2020

Manuel Brito-Semedo

Doutor em Antropologia, escritor cabo-verdiano



La estética del verso y del silencio

En tiempos de peste, la vida se encerró en casa y el tiempo cobró otro sentido. Como otro sentido cobro el miedo, la muerte y el miedo a la vida y a la muerte.

Todo fue escatológicamente anunciado: los 19.638 casos, los 1.036 muertos, los números de cada día...

El pensamiento vuela, intenta todo y salvar al mundo adentro o afuera de la casa, no logra... No es posible. Desconsuelo total, en ese momento del tiempo, los punteros se detienen y el

pensamiento quiere ser kamikaze: el ojo llora. Se queda la conciencia de haber ido demasiado lejos. Silencio...

Búsqueda de consuelo: verso...

En *Ponteiros de papel* el flujo del tiempo, es más constatado que percibido por la poeta, desde la emoción simbólica y del sentido del otro, en una fusión de tristeza e impotencia ante el quiebre del mundo y de la vida misma.

Ante la fragmentación, la poeta hace un esfuerzo descomunal de recoger y colar los guijos de esperanza, para lograr sobrevivir y ser voz del otro, de aquél que está invisibilizado, por ser contabilizado como un número, por usar un barbijo, por el dolor de no poder decir...

Además, la poeta tiene el privilegio de ser perceptiva, permeable y sensible a pérdidas y tragedias, esto es, tiene el privilegio de ser genuinamente humana.

La poesía, en *Ponteiros de papel*, se presenta como un ejercicio del pensamiento, generadora de ideas y da testimonio de nuestro tiempo, cavila el estado de la condición humana en varios planos.

Por medio del verso y del silencio, la poeta comunica su visión personal del mundo, de una manera profunda, abarcando la totalidad de la vida: suya y ajena.

Christina Ramalho, habitante del tiempo sufriendo la agonía, por percibir la existencia de los humanos detrás de los números, detrás de las máscaras, sufriendo la angustia de respirar cuando el aire se agota, segundo a segundo para el otro; escribe su diario en verso, en poema que, igual que el tiempo existirá a partir de un observador, si no hay observador el tiempo no existe.

En su caso el poema está destinado a perdurar y a contar la historia triste de esta época de mucho dolor, a través de la estética del verso y del silencio, en la voz, ya universal, de Christina Ramalho.

Márcia Batista Ramos

Escritora brasileira radicada há 25 anos na Bolívia



Ponteiros de papel, o novo livro de poemas de Christina Ramalho, tem como matéria prima o tempo, a morte e a vida. O contexto é o calendário de 2020, um ano marcado pela pandemia que devia nos fazer mudar a perspectiva sobre o mundo. Mas se todos os esforços são no sentido de uma volta à normalidade consumista, acelerada e injusta, o tempo da poesia proposto por Christina desloca nossa sensibilidade para um novo aprendizado. Estamos diante de uma espécie de diário poético da quarentena que começa no entremeio entre o verão e outono, atravessa o inverno e chega à estação das flores. Mas sobre o tempo cronológico corre, em outro ritmo, o tempo das significações.

A maturidade poética de Christina se faz ver na habilidade no manuseio da linguagem e no ritmo, escapando aos excessos e revelando a contemporaneidade do poema no atual estado de coisas. A consequência é a identificação com os signos familiares revelados nos versos. A casa, teto, abrigo, água para a sede onde descobrimos ternura, reinventamos palavras. “No casulo/ando fazer voar/borboletas.

Em abril, a brisa que sopra na solar Aracaju, terra escolhida por Christina para viver, traz ecos de Manuel Bandeira. Quando a indesejada das gentes chegar nos encontrará num baile de máscaras sem carnaval. Há uma dupla dimensão na relação com a morte. A consciência da finitude e da fragilidade humana revelada pelo vírus cujo avesso é a potência da vida e a revolta contra o estado de coisas, da morte banalizada nas estatísticas e irresponsabilidades cuja reação é a revolta.

Densidade e lirismo se equilibram numa espécie de pêndulo entre os afetos e o contexto político. A doença como metáfora das injustiças sociais e daqueles que usam em vão os símbolos cristãos para propagar a necropolítica. “Perdemos todos/ nessa demora/para entender/ que mais que sorte/ é preciso amor/ para entender a morte”.

Impossível não encontrar a indignação em vidas que são economia, comorbidades, signos que saltam do noticiário para nossa intimidade. A dor se revela nos amigos perdidos para a doença. “O Brasil foi um país/hoje é uma mortalha.” É preciso escrever um poema sobre a revolta. Agosto ia adiantado.

Os ares de setembro lançam o germe de uma nova esperança. “Ponteiros de papel” traz outros poemas da lavra recente de Christina. Encerramos com a potência metalinguística da poesia. A pedra como metáfora Drummoniana-Jobiniana, pau e pedra, passo e ponte, antes que seja tarde para palavra “Amanhã. Essa poesia do tempo presente, dos homens presentes é artigo tão raro quanto necessário. Obrigado Christina.

Pedro Varoni

Jornalista, Doutor em Linguística pela UFSCar, editor do Observatório da Imprensa e autor de *A Voz que fala na Voz que Canta: Poética e Política na trajetória de Gilberto Gil*.



O tempo da poesia é outro. Ele vai se enredando em seus ponteiros de papel. O tempo da poesia é tudo aquilo que nos atinge por todos os lados, como um trauma, que se repete sem notarmos.

Também o espaço da poesia é outro. Uma casa não é só uma casa: se para muitos uma prisão, para a poeta é o lugar da invenção, da possibilidade, do enfrentamento à morte:

" no casulo/ ando fazendo voar/ borboletas"

Um livro, uma casa e nosso país: todos um casulo de pedra. Aqui dentro, como forma de resistir, viver e inventar, iluminar a caverna, acender uma vela, desenhar borboletas na parede. Convocar o amor.

A poesia de 2020 está mergulhada no luto, mas também na esperança. Se nos dão páginas de silêncio e escuridão, respondemos com luz e fogo. Escrevemos a História na possibilidade da queda e do voo.

Daí que me chega esse livro quando mais preciso dele: lendo os poemas, chorando por me sentir afetada, lembrando de todos os momentos que olhei pela janela, que escrevi, que li outras pessoas, que abri o noticiário, que me senti sufocada, que abracei meu companheiro, que liguei para minha mãe, que lembrei de um momento ou outro que andava pela rua com o vento no rosto.

A poesia da Chris tem um quê de encantamento, outro quê de resistência, um luto necessário, mas todo o amor e vida de que precisamos. É um livro preciso.

Obrigada, Chris, por acender palavras. Tem faltado muita luz aqui em casa, e com essa vela consigo reunir as borboletas.

Priscila Branco

Escritora e poeta, pesquisadora de poesia brasileira escrita por mulheres, editora e curadora da *Revista Toró*



Ponteiros de papel é a sensibilidade às dores do mundo – as atuais e as de sempre –, e consta de sessenta poemas temáticos, acrescidos da seção “Outros”, cuja fina leitura recai em seis poemas de encantamento.

Ponteiros de papel marca a escrita do tempo. Memória de uma dor que é o agora, mas também é o depois. É o agora, por ser dor presente. É o depois, por ser sempre dor. *Ponteiros de papel* é rabisco, traço de dor e medo. Medo de toda hora, medo de qualquer hora, aquele da “recusa do tempo/ de ser exato” (Em casa 1), porque o tempo exato pode ser o da fatalidade. Para vencê-lo, só a poesia de dentro, o poema que comemos em porções de nutrição de cada dia.

O tempo em *Ponteiros de papel* encontra ecos no Manuel Bandeira de “Consoada”, já que é tempo de mesas postas/ à indesejada das gentes/ tempo de um novo tempo/ que chegou de repente. (Em casa 13). Tempo sem escapatória. Na verdade, ninguém a ele escapa, mas este é tempo novo que chegou junto à companheira mais inseparável como em indecifrável e inviolável pacto. Tempo/morte de enorme força.

Em *Ponteiros de papel* a escrita/o escrito, é sanha para dizer. Grito contra um tempo que se faz de maciez tão branda que é necessário dizer quanto antes. E ao tempo se enfrenta com palavras. Elas dobram-no, porque somente elas resistem. Tempo! Só a palavra-poesia a lhe afrontar, embora, inglório embate do homem-pó. Palavra-poesia que coloca “o mundo/ na ponta do lápis/ nas tramas do pincel/ nos sons/ nas palavras/ escritas no papel”. (Em casa 9).

Ponteiros de papel é a escrita/o escrito na pedra. Mineral. O emblemático da pedra que testemunha os anos, os tempos, a memória, os homens. A escrita na pedra eterniza o para sempre desta humanidade tão mortal e frágil, tão atirada e medrosa. A escrita na pedra que comporta um Bandeira com suas dores do tempo, mas também com suas “ternuras mais fundas”. Que torna possível um Drummond, a partir de quem “cabe o meio do caminho/ o não saber ficar ou ir/ cabe o medo do futuro/ e o passado indesejado” (Em casa 23), já que as angústias deste agora nos impulsionam incertezas medonhas: o não saber do hoje. O medo do drama que será o passado. E o momento não nos permite ser gauche: o sorrateiro que há no tempo-morte/tempo de morte nos tolhe.

Medo. Tempos de medo. Relógio que corre. Ponteiros que se cruzam (não deviam). Horas certas/incertas a nos aproximar do pavor e da iminência de escuridão final. Ponteiros que nos prendem ao fitar das horas, ao temor do que não sabemos se virá agora ou depois, mas que pode vir a qualquer instante. Terrível angústia! Inda bem, duas grandes irmãs nos salvam: a liberdade e a palavra, no entanto, para alcançá-las há apenas uma senha, a rebeldia: “Liberdade/ palavra tão cara/ ave rara/ asa com penas/ de rebelião” (Em casa 6o).

As dores deste conjunto de poemas não são pequenas e por isso, nos contorcem. Entretanto, o prazer de lê-los nos alinha e empertiga. Canto à libertação, embora, as aflições, mas estas, de algum modo, são asas à liberdade a que tanto almejamos. Há palavra-poesia em *Ponteiros de papel*. Há vida em *Ponteiros de papel*, porque há poesia em todas as amarguras da humanidade.

Simão Pedro dos Santos (Pedro Pernambuco)

Professor do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina



A poesia iluminada e, diria também indignada, de Christina Ramalho atravessou gloriosamente o imenso atlântico e veio poisar no colo ávido das ilhas afortunadas. Ela envolveu-me no perfume por vezes suave, por vezes agridoce que exala da delicada filigrana das palavras com que ela tece seus sentimentos, medos e obsessões mais profundos...

Só posso assim dizer obrigada por esses versos túrgidos, que fazem aflorar um sorriso com lágrimas em meu rosto, enquanto o meu espírito se delicia nesse encontro de almas andarilhas que só a poesia pode proporcionar.

Teu grito encontrou eco na pandemia que nos exaure e de joelhos comungo contigo que *... mais que sorte, é preciso amor, para vencer a morte.*

Vera Duarte

Escritora cabo-verdiana



Christina Bielinski Ramalho é intelectual da pesada. E, conhecendo a poesia do Brasil e do mundo na intimidade, também a escreve – porque sente que falta algo no que lê, ou não se atreveria. E, se “mescla o Tejo ao Amazonas”, se deita na folha “palavra por palavra a geometria inútil de um sentimento”, também percebe que Liberdade é ave rara, “asa com penas de rebelião”. Daí que, num tempo em que parecemos agonizar a olhos vistos, manda que se olhe o aviso do fósforo queimado, em que “não há mais fogo nem Prometeu”, e antecipa: “o mundo morreu”. Christina Bielinski Ramalho é poeta. Da pesada.

W. J. Solha

Escritor e artista plástico





Christina Ramalho é carioca e sergipana. Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012) e em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017), é professora-associada de Teoria Literária e Literatura Brasileira da Universidade Federal de Sergipe, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Mestrado Profissional em Letras da UFS, dedicando-se, na pesquisa, principalmente, aos estudos épicos e ao ensino de poesia. É autora e organizadora de diversas obras de teoria, historiografia e crítica literária e editora-chefe da *Revista Épicas*. Em 2015 foi jurada do prêmio Jabuti na categoria “contos e crônicas”. É membro honorário da Academia Cabo-Verdiana de Letras e membro da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Em Literatura, publicou *Poemas de Danda & Chris* (poemas para crianças, 2020), *Lição de voar* (poemas, 2019), *Poemas mínimos* (2019), *fio de teNsão* (2018), *Ítalo* (poemas e crônicas, 2018), *Catimbó* (crônicas reunidas, 2018), *Dança no espelho* (contos, 2005 e 2018), *Laço e nó* (poemas, 2000) e *Musa Carmesim* (poema épico, 1998). Realizou diversas exposições nacionais e internacionais de pintura e fotopoesia. É membro do grupo musical *Acrópole*, sendo autora de diversas letras de canções.

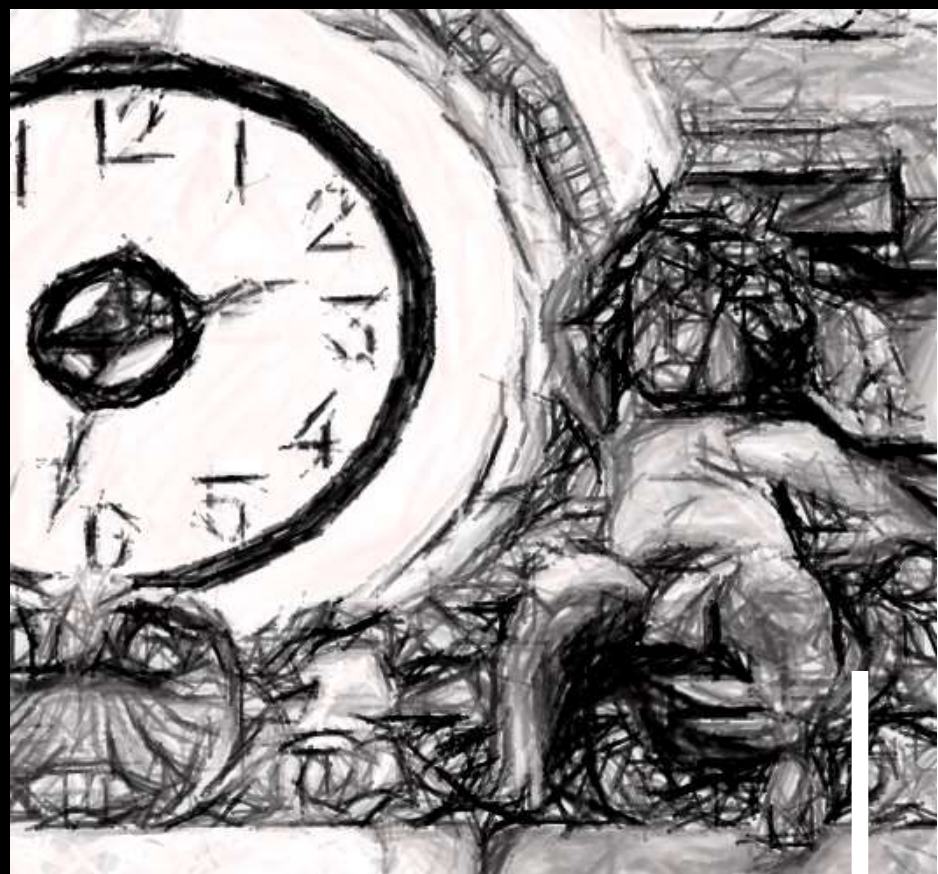
Site: miXturas (www.ramalhochris.com).

Canal *Acrópole*:

<https://www.youtube.com/channel/UCrb6-arzs1EgP4wSetZoE1w>.

E-mail: ramalhochris@hotmail.com

~~2020~~



Lucigraf
FERTILISAZIONE AFRICA